

OGlobo
25/8/96 p. 4
140

O olhar do estrangeiro vacinado contra o exótico

Filme de Claude Lévi-Strauss leva à Bienal de Lyon o Brasil descrito no clássico 'Tristes trópicos', que ganha nova edição

Paulo Roberto Pires

Rituais indígenas e imagens da floresta amazônica quase intacta vão ser vistas lado a lado à vanguarda da dança nacional na 7ª Bienal da Dança de Lyon, que tem o Brasil como tema. Tudo seria mais uma macumba para turista, alojada numa mostra de filmes da Bienal, se aquela câmera 16 milímetros não tivesse sido disparada nos anos 30 por Claude Lévi-Strauss para registrar em película a histórica expedição descrita com sofisticação literária em "Tristes trópicos", que volta às livrarias com nova tradução pela Companhia das Letras. O filme, restaurado, será exibido na abertura do evento de Lyon, no próximo dia 12.

— Queríamos dar uma visão mais completa sobre o Brasil, não ficando restritos aos filmes sobre samba ou dança — diz Bernard Rémy, da Cinemateca da Dança, pelo telefone, de Paris. — O filme se chama "Em torno de 'Tristes trópicos'" e reúne, em cerca de uma hora, as imagens colhidas pelo próprio Lévi-Strauss. Não há cenas de dança.

O fato de se recorrer justamente ao olhar de um estrangeiro para fugir aos clichês sobre o país dá a medida da importância de "Tristes trópicos". Foi preciso 15 anos para que um dos intelectuais mais importantes deste século, hoje com 88 anos, escrevesse o resultado de suas viagens ao Brasil. Ele estava no país em duas temporadas em 1936 e 1938, e o livro só foi publicado em 1955.

Para Darcy, antropólogo viu o extraordinário no ordinário

A relutância é explicada por Lévi-Strauss logo nas primeiras linhas de "Tristes trópicos": tudo o que ele não queria era transformar seu trabalho numa aventura pura e simples. "O Brasil esboçava-se em minha imaginação como feixes de palmeiras torneadas, ocultando arquiteturas estranhas, tudo isso banhado num cheiro de defumador", escreve ele ao lembrar as primeiras imagens que teve do país. "Consideradas retrospectivamente, essas imagens já não me parecem tão arbitrarias. Aprendi que a verdade de uma situação não se encontra em sua observação cotidiana, mas nessa destilação paciente e fragmentada que o equívoco do perfume talvez já me convidasse a pôr em prática".

— O Lévi-Strauss dá a visão estrangeira, que consegue ver o extraordinário no ordinário — destaca o antropólogo Darcy Ribeiro, que assistiu a trechos do filme sobre os bororo. — "Tristes trópicos" é um dos textos mais importantes sobre o Brasil, é básico para quem quer entender o país. Ele mostra, por exemplo, o contraste entre os imigrantes de São Paulo e os índios, sendo muito mais simpático aos índios, o que naquela época era estranho.

O comportamento de Lévi-Strauss não era realmente dos mais ortodoxos. Meses depois de receber um convite para lecionar sociologia na Universidade de São Paulo — com a promessa de ter tempo livre para explorar o interior — ele embarcava em Maréchal Rumo ao porto de Santos. Na bagagem, ele trazia sua câmera, numa atitude inimaginável pa-



DOIS HOMENS da tribo nambiquara fotografados por Lévi-Strauss. Detalhes como o cigarro enrolado, preso por um bracelete, ampliam o alcance da pesquisa etnográfica realizada por ele no Brasil

ra um cientista social formado pela Sorbonne, como lembra o cineasta Jean Rouch, companheiro de trabalho do autor de "O pensamento selvagem" e consagrado como o inventor do cinema-verdade, um cruzamento da antropologia com o filme.

— Lévi-Strauss era um homem extremamente apaixonado pelo cinema. Ele foi o responsável por minha carreira cinematográfica e etnográfica — conta o diretor, que está no Rio para o 3º Festival Internacional do Filme Etnográfico. — Para se ter uma idéia, quando comecei a fazer filmes e defendi minha tese na Sorbonne, o cinema era praticamente proibido na universidade francesa. Ele foi um dos primeiros a estimular a realização destes filmes e a entender a importância do cinema.

Rouch destaca importância dos filmes pioneiros

E também da fotografia. Os flagrantos dos índios — reunidos nos álbuns "Saudades do Brasil" e "Saudades de São Paulo" (ambos editados pela Companhia das Letras) e reproduzidos em parte na nova edição de "Tristes trópicos" — mostram como a imagem desempenharia um papel importante na etnografia, já que esta trata exatamente de conseguir a descrição mais detalhada possível de determinada comunidade ou etnia.

De uma outra forma, as imagens também constituem a marca de sua escrita, nas descrições de Corumbá, do Pantanal, do Maranhão e São Paulo. Do Rio de Janeiro,



LÉVI-STRAUSS na época das expedições que resultaram no livro e nos filmes

fica a célebre descrição: "O Rio é mordido por sua baía até o coração; desembarca-se em pleno centro, como se a outra metade, novo Y, já tivesse sido devorada pelas ondas".

Mas próprio antropólogo não parecia, no entanto, estar ciente das modificações que introduzia, nas palavras de Jean Rouch:

— Estes foram os primeiros filmes realizados por um antropólogo e, como ele mesmo reconhece, não são muito bons, um olhar extremamente sumários sobre os índios — observa o diretor, lembrando que Lévi-Strauss dispu-

EM FRENTE DE PORTO ESPERANÇA, na margem do rio Paraguai, Corumbá, porta da Bolívia, parece ter sido concebida por Júlio Verne. A cidade está implantada no alto de uma falésia calcária que domina o rio. Cercados de pirogas, um ou dois pequenos vapores de roda, com dois andares de camarotes instalados sobre um casco baixo e coroados por uma chaminé delgada, estão amarrados ao cais de onde parte uma ladeira. Primeiro, erguem-se algumas construções de importância desproporcional com o resto: alfândega, arsenal, que evocam os tempos em que o rio Paraguai formava uma fronteira precária entre Estados recém-independentes e fervilhantes de novas ambições.

Trecho de "Tristes trópicos"

"Minha carreira decidiu-se num domingo do outono de 1934, às nove horas da manhã, com um telefonema", escreve num dos capítulos retrospectivos que precedem, no livro, o relato sobre as nações indígenas Cadiueu, Bororo, Nambiquara e Tupi Cavaíba. Este telefonema era o convite de Célestin Bouglé, da Escola Normal Superior. Darcy Ribeiro vai mais longe e afirma que foi em São Paulo que Lévi-Strauss aprendeu "de verdade" a antropologia.

— Em Paris, tudo o que ele tinha era o convívio com os professores da Escola Normal Superior

e os cursos de Marcel Mauss — observa Darcy. — Foi aqui que ele viu um índio pela primeira vez e onde também estudou a escola de antropologia americana, pon-do sob uma outra perspectiva sua formação intelectual.

As influências tiveram mão dupla, com a atuação de Lévi-Strauss ao lado de nomes como Ferdinand Braudel e Pierre Monbeig. Darcy destaca que a presença dos franceses transformou São Paulo num centro intelectual.

— Eu sou produto daquilo lá. — diz ele.

Expedições cruzaram o Brasil, do Paraná ao Pará

Do Paraná a Belém do Pará, em inacreditáveis expedições que tinham no lombo dos burros, o meio de transporte mais sofisticado, Lévi-Strauss não só registrou o inevitável e óbvio choque de culturas. Nas 400 páginas da edição brasileira tem-se, simultaneamente, uma narrativa emocionante, um registro etnográfico e a pura reflexão sobre o que é contar uma história. "Em geral, concebemos as viagens como um deslocamento no espaço. É pouco. Uma viagem inscreve-se simultaneamente no espaço, no tempo, e na hierarquia social. Cada impressão só é definível se a relacionarmos de modo solidário com esses três eixos". Um antídoto contra o exotismo que Lyon vai conferir em imagens. ■

Uma análise de "Tristes trópicos" na Internet e trechos do livro: GLOBO ON <http://www.oglobo.com.br>